



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO  
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**



**MARIA EDUARDA NUNES DE OLIVEIRA**

**A MELANCOLIA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA DO ROMANCE CLARA DOS  
ANJOS DE LIMA BARRETO**

**PICOS  
2024**

**MARIA EDUARDA NUNES DE OLIVEIRA**

**A MELANCOLIA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA DO ROMANCE *CLARA DOS ANJOS* DE LIMA BARRETO**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras/Português.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil.

**PICOS-PI**

**2024**

MARIA EDUARDA NUNES DE OLIVEIRA

**A MELANCOLIA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA DO ROMANCE CLARA DOS  
ANJOS DE LIMA BARRETO**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras/Português.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil (Orientadora)  
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

---

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho.  
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

---

Profa. Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Tecido em minha alma está cada fibra de amor e sabedoria que vocês me transmitiram. Mãe e vó, este trabalho é um presente para vocês.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pela grandeza e bondade.

À minha mãe, Valise Alves Nunes, por ser meu alicerce. Você me sustentou, me levou à escola, foi meu exemplo de força e dedicação. Tudo que sou hoje é reflexo do que aprendi com você.

À minha avó, Francisca Alves Nunes, que, mesmo não sabendo ler, me ensinou o valor do amor, da simplicidade e da bondade. Ler para você foi uma das maiores alegrias da minha vida, e cada palavra ainda ecoa em minha memória. Obrigada por me ensinar a amar os animais e por ter sido uma segunda mãe para mim.

Ao Diógenes de Moura Barros, meu companheiro, por acreditar em mim, me incentivar e ser meu porto seguro. Obrigada por me fazer rir até nos momentos mais difíceis e por transformar os meus dias.

Ao meu gato Cenoura, que já partiu, mas deixou lembranças. Obrigada por ser meu pequeno companheiro, por me seguir em cada canto que eu estivesse e por ter tornado a fase mais difícil da minha vida mais suportável com sua presença.

Às minhas amigas de curso e de vida, Samira de Cássia da Costa e Valéria Francisca de Carvalho, pela parceria, pelos momentos de aprendizado e pela amizade que levarei para sempre. Obrigada por rirem das minhas idiotices, por me amarem exatamente como sou e por estarem ao meu lado nos altos e baixos.

À minha amiga Luana dos Santos Gonçalves, minha companheira imbatível, por simplesmente ser do jeitinho que é, por me ouvir nos momentos em que precisei, por não me deixar desistir. Por todas as coisas com as quais eu nem sei como expressar, mas que eu sinto em mim.

A todos os meus professores e tutores pelo conhecimento compartilhado e amizade construída. De maneira especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil, pela contribuição na realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Emanoel Pedro Martins Gomes, meu coorientador e amigo, pela dedicação, pelo apoio e pela parceria ao longo desta trajetória acadêmica.

Enfim, a todas as pessoas que me ajudaram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho.

Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, pela inteligência e para a inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande humanidade de que quero fazer parte.  
(LIMA BARRETO)

# A MELANCOLIA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA DO ROMANCE CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO

Maria Eduarda Nunes de Oliveira<sup>1</sup>

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil<sup>2</sup>

## RESUMO

O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, é uma obra-prima do Pré-Modernismo brasileiro que transcende a mera narrativa para se constituir como uma profunda análise da sociedade brasileira da época. A melancolia, sentimento que permeia toda a trama, emerge como uma estratégia narrativa fundamental para a construção do universo ficcional e a denúncia das mazelas sociais. Este estudo tem como objetivo analisar a forma como a melancolia é empregada por Lima Barreto como recurso narrativo em *Clara dos Anjos*. A pesquisa busca compreender como esse sentimento, intrínseco à condição humana, é explorado para abordar a melancolia como estratégia narrativa, explorando suas influências na caracterização dos personagens e na ambientação histórica em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto. Nesta perspectiva, esta investigação literária pretende responder como a melancolia é utilizada como estratégia narrativa no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, influenciando a caracterização dos personagens, a ambientação da história e a percepção do leitor? Com isso, a pesquisa contribui para a revalorização de Lima Barreto, trazendo à luz a relevância de sua obra para a literatura brasileira. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica qualitativa. Para tanto, foi feita a seleção de alguns momentos da narrativa, bem como o uso dos seguintes autores: Burton (2011), Cordás e Emílio (2017), Lima (2017), Magtaz (2008), Tuan (2013), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto. Clara dos Anjos. Melancolia. Estratégia narrativa.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros de Araújo – Picos.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD-PT), Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Investigação Literária pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Efetiva - DE, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Barros de Araújo – Picos. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8634721891400683>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9489-4460>.

## ABSTRACT

The novel *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, is a masterpiece of Brazilian Pre-Modernism that transcends mere narrative to constitute a profound analysis of Brazilian society at the time. Melancholy, a feeling that permeates the entire plot, emerges as a fundamental narrative strategy for the construction of the fictional universe and the denunciation of social ills. This study aims to analyze the way in which melancholy is used by Lima Barreto as a narrative resource in *Clara dos Anjos*. The research seeks to understand how this feeling, intrinsic to the human condition, is explored to approach melancholy as a narrative strategy, exploring its influences on the characterization of the characters and the historical setting in *Clara dos Anjos* de Lima Barreto. From this perspective, this literary investigation aims to answer how melancholy is used as a narrative strategy in the novel *Clara dos Anjos* by Lima Barreto, influencing the characterization of the characters, the setting of the story and the reader's perception? With this, the research contributes to the revaluation of Lima Barreto, bringing to light the relevance of his work for Brazilian literature. This research is essentially characterized as qualitative bibliography. To this end, some moments of the narrative were selected, as well as the use of the following authors: Burton (2011), Cordás and Emílio (2017), Lima (2017), Magtaz (2008), Tuan (2013), among others

**KEYWORDS:** Lima Barreto. *Clara dos Anjos*. Melancholy. Narrative strategy.

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a literatura tem sido cada vez mais reconhecida como uma ferramenta poderosa para explorar e entender as complexidades da experiência humana. Safatle, Silva Jr. e Dunker (2021) argumentam que as transformações sociais, culturais e econômicas têm sido gatilhos para o surgimento de sofrimentos psíquicos, como a depressão e a melancolia. Esses transtornos refletem não apenas questões individuais, mas também dinâmicas sociais mais amplas, destacando a importância de compreender as narrativas ficcionais que exploram essas temáticas.

Em particular, o romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto emerge como um exemplo significativo de como a melancolia pode ser habilmente empregada na construção de personagens e na ambientação da história. Rosa (2019) discute a aceleração contínua da vida contemporânea e suas implicações na construção subjetiva dos indivíduos, destacando a necessidade de explorar como essa aceleração se reflete na literatura. Ao ambientar sua narrativa no Rio de Janeiro do início do século XX, Barreto apresenta uma visão penetrante das lutas individuais e

coletivas enfrentadas pelos habitantes da cidade, revelando como a melancolia permeia suas vidas.

A obra de Barreto não apenas oferece uma representação vívida da melancolia, mas também convida os leitores a refletir sobre seu impacto na caracterização dos personagens e na atmosfera geral da história. Diante disso, Freud (2013) discute a melancolia como um estado psíquico marcado por um abatimento doloroso e uma perda da capacidade de amar, destacando como essa condição pode influenciar a narrativa ficcional. Semelhantemente, à medida que mergulhamos nas páginas de *Clara dos Anjos*, somos confrontados com as emoções profundas e os conflitos internos dos protagonistas, que são moldados e influenciados pela melancolia que permeia suas vidas.

É nesse ponto que este estudo se situa: buscando explorar mais profundamente a presença e o papel da melancolia como estratégia narrativa no romance de Lima Barreto. Ao analisar os trechos específicos nos quais a melancolia é evidente, pretendemos identificar como ela é descrita e contextualizada pelo autor, bem como sua influência na caracterização dos personagens principais e secundários e na ambientação da história. Ao compreendermos melhor esses aspectos, estaremos mais preparados para apreciar a riqueza e a complexidade da obra de Barreto, ao mesmo tempo em que seremos capazes de lançar luz sobre questões mais amplas relacionadas à literatura, à sociedade e à condição humana. Portanto, esta análise não apenas enriquecerá nossa compreensão do romance *Clara dos Anjos*, mas também contribuirá para uma apreciação mais profunda do papel da melancolia na narrativa literária como um todo.

Deste modo, o objetivo principal deste estudo foi explorar a melancolia como estratégia narrativa no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, examinando seu papel na caracterização dos personagens, na ambientação da história e na influência sobre a percepção do leitor. Além disso, de maneira específica: explorar a melancolia como estratégia narrativa; analisar os personagens e da ambientação com base na melancolia, bem como, analisar os trechos específicos do romance *Clara dos Anjos* nos quais a melancolia é evidente, identificando como ela é descrita e contextualizada pelo autor.

Em vista disso, pretende-se abordar essa escritura permeada por dilemas universais, focalizando o aspecto melancólico e considerando o modo como este problematiza a questão do espaço com os personagens. Assim, busca-se compreender as ligações e desdobramentos da melancolia com outras particularidades do romance. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica qualitativa. Para tanto, como aporte teórico foram consideradas as contribuições de Burton (2011), Cordás e Emílio (2017), Lima (2017), Magtaz (2008), Tuan (2013), entre outros.

## 1 REVISÃO DE LITERATURA

A análise do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, requer uma compreensão profunda do papel do discurso e da melancolia na construção da narrativa e dos personagens. Através da lente da Análise do Discurso, podemos examinar como os atores sociais, representados pelos personagens do romance, constroem suas identidades e negociam poder através das interações linguísticas. Conforme Orlandi (2015) destaca, o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas uma prática social em constante movimento, refletindo e moldando as estruturas sociais e as relações de poder.

### 1.1 A história da melancolia

Desde a Antiguidade aos dias atuais, a melancolia aparece, sem cessar, assumindo diferentes nomes e formas, como tema de estudos médicos ou filosóficos e como inesgotável fonte de inspiração para poetas e artistas. Fala-se da melancolia como sinônima do furor dos alienados, da acedia dos monges, da genialidade na Renascença, da tristeza no Romantismo e da depressão tratada atualmente por psiquiatras e psicólogos (Pringent, 2005).

Ainda no século IV a. C., a noção de melancolia é atribuída a Aristóteles que definiu a melancolia como um estado originário da bílis negra que corresponde aos homens de exceção, aos homens que são considerados gênios. Todos os que têm sido homens de exceção, os filósofos, os poetas, os artistas, são manifestamente melancólicos. Além disso, eles têm uma propensão a seguir a imaginação que é

inseparável da memória. Desta forma, a partir de Aristóteles a melancolia é associada à imaginação (Prigent, 2005).

Dando sequência a essa análise histórica no século XIX, com a instauração do saber psiquiátrico, a melancolia é associada à doença mental. Para Prigent (2005) com o nascimento da psiquiatria começa-se uma análise dos sintomas da melancolia. Esquirol (1838) e Pinel (1856) a definem como uma mania, uma loucura caracterizada por um delírio parcial com uma tendência triste ou opressiva. Para Esquirol (1805) não somente as paixões são as causas mais comuns da alienação mental, mas ela tem com essa doença e suas variedades, relações de semelhança extraordinária.

Diante disso, vale considerar que a Melancolia é um marco teórico necessário para compreendermos os mecanismos sociais que engendram as regulações psíquicas, é ela que cria os espaços externos e internos, o social e o individual. Nessa ótica, a consciência, expressão de nossa individualidade, sendo um efeito resultante de regulações sociais que impedem que vínculos e laços sociais não possam ser significados.

No que se refere à origem do termo *melancolia* (*melan*, negro, e *cholis*, bílis), este advém da teoria dos quatro humores, segundo a qual a afecção surge devido à alteração desses componentes no corpo humano e a consequente intoxicação do organismo pelo humor melancólico. Nessa perspectiva, a desregulação das quatro substâncias – sangue, bile, bile negra e fleuma – é a principal responsável pela melancolia, uma vez que, ao se disseminar pelo restante do corpo ou por sua combustão imprópria, a bile negra afeta o sujeito ocasionando uma imaginação ou razão corrompida.

Logo, como destaca Burton (2011), “o nome se impõe pela matéria, e a doença é denominada por sua causa material: como observa Bruele, Μελανχολία *quasi* Μέλαινα χολή, da bile negra” (Burton, 2011, p.64). Nesse particular, há a predominância da concepção já observada na tradição antiga, partindo de Hipócrates até a sistematização de Galeno, em que a melancolia é reiterada como doença do corpo e a mistura ou desregulação dos humores ocasionaria diferentes afecções e/ou temperamentos como, por exemplo, o melancólico.

Cordás e Emílio (2017) destacam que, no que se refere ao uso do termo *melancolia*, com Hipócrates, Galeno e outros pensadores a expressão já se

aproximava do seu sentido atual. Entretanto, é somente a partir do século XIX que há um esclarecimento acerca do conceito de melancolia, bem como a origem do termo depressão com o seu sentido atual (Cordás e Emílio, 2017). Nesse sentido, é possível observar que, com o passar do tempo, a definição do termo utilizado para caracterizar esse temperamento foi se delimitando e se tornando mais específica.

Mais recentemente, Luiz Costa Lima retomou e destacou a relevância dos estudos acerca da melancolia bem como da sua relação com a arte no geral, aspecto que vêm sendo observado e discutido há muito tempo. Nessa perspectiva, o autor destaca que “a melancolia encontra seu *locus*, por excelência na ficção verbal e plástica (para não falar em toda a arte)” (Lima, 2017, p.16). Nesse sentido, é possível observar que é no meio artístico, sobretudo no que diz respeito a ficção verbal e plástica, que a melancolia encontra um espaço privilegiado para a sua manifestação, seja influenciando os artistas e escritores na forma de impulso criador, seja como aspecto presente na constituição das obras, sobretudo as artístico-literárias.

## **1.2 Análise dos traços literários de Lima Barreto**

O Pré-modernismo foi um período caracterizado pela arte, onde se desenvolveu uma literatura social voltada para as problemáticas vigentes, sem muita influência do realismo e do naturalismo. Esse período buscou essencialmente retratar a nacionalidade por meio dos problemas sociais coexistentes.

Também conhecido como sincrético, o pré-modernismo não é considerado uma escola literária, por não ter uma leva de escritores que possuem entre si as mesmas características. Foi uma fase compreendida entre os primeiros vinte anos do século XX. O marco inicial dessa fase foram as publicações dos livros *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha.

Desde sua criação o Pré-modernismo tornou-se um tema controverso na história da literatura brasileira, em virtude da complexidade e heterogeneidade de sua produção cultural e da inadequação do termo. Situá-lo segundo orientações da teoria dos movimentos literários não é tarefa fácil, já que o Simbolismo “não foi mais do que um episódio”, isto é, “não penetrou no espírito das classes cultas senão muito superficialmente, deixando intacta a formação parnasiana dominante” (Bosi, 1969, p.12), ou seja, havia um estranhamento em se comparar o período pré-modernista às

características das escolas literárias, pelo fato de este fazer uma abordagem racional estritamente comprometida a denunciar as desigualdades e injustiças sociais, denotando, assim um caráter extremamente inconformado com a realidade brasileira.

Já o projeto estético visa a uma abordagem mais coloquial da linguagem utilizada nos textos pré-modernistas, se utilizando de regionalismos, estrangeirismos, gírias, expressões populares e neologismos. Por conseguinte, nota-se que os escritores não se preocupavam em utilizar uma linguagem formal para evidenciar suas ideias e impressões sobre as temáticas de suas obras. Alguns traços característicos que traduzem esse desapego do aspecto formal e a despreocupação com a linguagem culta são a presença do leitor no texto, obras inovadoras que rompem com o passado, com o academicismo, e redução dos textos.

Lima Barreto (1881-1922) ficou conhecido na Literatura Brasileira através, principalmente, dos romances *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1908) e *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1911). No entanto, sua obra é bastante vasta e compreende escritos de gêneros e características diversas. São também romances: *Numa e a ninfa* (1915) e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919). *Histórias e sonhos* (1920), coletânea de contos, após sua publicação inicial, foi republicada juntamente com *Outras histórias e Contos argelinos* em 1952. Os *Bruzundangas* (1922) e *Coisas do reino do Jambon* (1952) são sátiras sobre o país; artigos e crônicas de sua autoria encontram-se publicados em *Bagatelas* (1923), *Feiras e mafuás* (1953), *Marginália* (1953) e *Vida urbana* (1956). Ainda temos *Impressões de leitura* (1953), a memória *Diário íntimo* publicada com *Cemitério dos vivos*, também memória, em 1953, além da edição póstuma em volume de sua correspondência.

Quanto ao romance a ser abordado nesta pesquisa, Lima Barreto deixou pistas de que durante anos havia alimentado o projeto *Clara dos Anjos*, mas o que escreveu ficou praticamente relegado ao esquecimento durante muito tempo; seu resgate, no entanto, esclarece alguns aspectos interessantes da produção de Lima Barreto.

Um tom de denúncia e crítica à sociedade contemporânea transparecem no conjunto da obra de Lima Barreto, fato inevitavelmente associado à cor de sua pele. Segundo Eugênio Gomes (Coutinho, 1986, p.204), Barreto tenta “converter a literatura numa verdadeira arma de combate”. Seus alvos vão desde o racismo até as desigualdades sociais.

Lima Barreto procurou abranger em seus escritos as principais questões sociais, políticas e culturais do seu tempo, estabelece uma postura crítica frente aos padrões literários dominantes em sua época, ou seja, mais do que descrever os diferentes lugares e condições sociais das suas obras, ele fazia uma censura à tradição acadêmica, principalmente por meio do parnasianismo, onde evidenciava a linguagem que, segundo ele, mistificava a realidade, ao passo que estava presa a uma visão de mundo voltada apenas para o lado “formal” da literatura, tornando as obras sem a contextualização dos conflitos sociais engendrados na sua época histórica.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. [...] As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até a noite, ficam povoadas de toda espécie de pequenos animais domésticos [...] A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres. O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora de seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desafetos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. [...] Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e sumtuárias em outros pontos do Rio de Janeiro (BARRETO, 2004, p. 85-86).

Todavia, em toda a abordagem da história, o foco principal não é elucidar o destino de Clara dos Anjos, mas sim dar ênfase às tragédias a que são acometidas pessoas do seu sexo, condição social e cor, ou seja, segundo Pereira (1948, p.14) o escritor tratou do tema como algo comum por significar menos um destino individual do que uma fatalidade pesando sobre todo um grupo humano.

Como consequência, Lacan relativiza o fator biológico como elemento organizador da família, estabelecendo seu papel como *instituição*. Uma organização social, contudo, fundamental para a organização psíquica. Como afirma, é essa instituição que “transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência” (LACAN, 1985, p.13).

## 2 O DISCURSO E A MELANCOLIA NO ROMANCE CLARA DOS ANJOS

Ao investigar como os personagens constroem suas identidades através do discurso, torna-se evidente que o texto de Lima Barreto não é apenas uma representação da sociedade carioca do início do século XX, mas também uma reflexão sobre as dinâmicas sociais e culturais da época. A linguagem não é apenas um meio de interação, mas sim uma ferramenta através da qual os personagens negociam sua posição no mundo e resistem às estruturas de poder vigentes (Foucault, 2003; Resende, 2006).

Nesse contexto, a melancolia emerge como uma estratégia narrativa poderosa, moldando a atmosfera do romance e influenciando o desenvolvimento da trama. A presença da melancolia não é apenas uma questão de atmosfera ou estado de espírito dos personagens, mas sim um reflexo das condições sociais e emocionais da sociedade retratada. Ao analisar os trechos específicos nos quais a melancolia se manifesta, é possível identificar como ela é utilizada pelo autor para explorar os conflitos internos dos personagens e aprofundar temas como alienação, desilusão e busca por identidade (Freud, 2013).

Em lá chegando, foi recebido pela mulher, Dona Castorina, que o fez entrar. Estava avelhantada, gasta, já não pela idade, que não podia ser ainda de cinquenta anos, mas pelos trabalhos por que tinha passado com o marido, mais do que com os próprios filhos. Nunca se lhe ouvia um queixume, nunca articulou uma acusação contra Flores. Sofria todos os desmandos do marido com resignação e longanimidade. Esse seu gênio, esse seu temperamento de doçura e perdão em face da exaltação, da exacerbação, até quase delírio, do marido, fizera que este produzisse o que produziu. Não fora ela, aquela pequena mulata, magra, de olhos negros e tristes, rindo-se sempre com uma profunda expressão de melancolia; não fora aquela humilde mulatinha, que estava ali defronte de Meneses, talvez Flores não fizesse nada. Este sabia disso e a amava, apesar de tudo o que pudesse depor contra eles, e ela tinha, no fundo d'alma, apesar dos desregramentos do seu marido, um grande orgulho de sua Glória (Barreto, 2004, p. 93-94).

Portanto, ao integrarmos a análise do discurso e da melancolia com base nas teorias de Aristóteles e Freud, somos capazes de lançar luz sobre as complexidades da experiência humana representada no romance *Clara dos Anjos*. A linguagem e as emoções dos personagens não são apenas elementos decorativos, mas sim peças fundamentais na construção de uma narrativa que nos convida a refletir sobre as lutas

individuais e coletivas dos indivíduos em busca de reconhecimento, pertencimento e significado em um mundo marcado pela desigualdade e pela adversidade.

## **2.1 Conceituação do discurso e sua relação com os atores sociais no romance**

### ***Clara dos Anjos***

A análise do discurso, conforme proposta por Orlandi (2015), nos convida a enxergar o texto não apenas como uma manifestação linguística, mas como um campo de disputa simbólica, no qual diferentes vozes e perspectivas se confrontam e se entrelaçam. No caso de *Clara dos Anjos*, essa abordagem nos permite entender como as vozes dos personagens refletem e refratam as ideologias e as estruturas de poder presentes na sociedade carioca do início do século XX.

Ao analisarmos os trechos específicos do romance nos quais a melancolia é evidente, podemos identificar não apenas como ela é descrita e contextualizada pelo autor, mas também como influencia a caracterização dos personagens principais e secundários. A melancolia não é apenas um estado de espírito individual, mas sim um fenômeno social que permeia todas as camadas da sociedade retratada por Lima Barreto. Ela molda não apenas as emoções e ações dos personagens, mas também a própria atmosfera da história, criando um ambiente de desilusão e nostalgia que ecoa os desafios e as contradições da vida urbana no Rio de Janeiro da época.

O conceito de formação discursiva, desenvolvido por Foucault (2003), também se mostra relevante para nossa análise, ao nos permitir entender como as práticas discursivas são moldadas por contextos sociais e históricos específicos. Em *Clara dos Anjos*, as formações discursivas refletem não apenas as condições materiais e sociais da época, mas também as aspirações, os medos e os desejos dos indivíduos que as produzem. Por intermédio da análise dessas formações discursivas, podemos lançar luz sobre as representações e os significados associados à melancolia na obra de Lima Barreto.

Além disso, é importante considerar a relação entre discurso e identidade, conforme proposto por Resende (2006). Em *Clara dos Anjos*, os personagens constroem suas identidades não apenas através das palavras que dizem, mas

também das relações sociais em que estão inseridos. A melancolia, nesse sentido, não é apenas uma questão individual, mas sim uma dimensão fundamental da identidade coletiva dos personagens, refletindo suas experiências e aspirações compartilhadas. Diante disso, entendemos que a análise do discurso e da melancolia no romance *Clara dos Anjos* nos oferece uma janela privilegiada para compreender as complexidades da vida urbana no Rio de Janeiro do início do século XX. Ao explorarmos esses temas, não apenas enriquecemos nossa compreensão da obra de Lima Barreto, mas também lançamos luz sobre questões mais amplas relacionadas à literatura, à sociedade e à condição humana.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Aspectos metodológicos**

A pesquisa proposta adotou uma abordagem bibliográfica qualitativa para investigar a melancolia como estratégia narrativa no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto. Reconhecendo a literatura como veículo de reflexão e transformação, este estudo buscou-se compreender como a melancolia é empregada pelo autor como elemento narrativo, contribuindo para a construção temática e estilística da obra.

A metodologia compreendeu três etapas principais. Primeiramente, será realizado um levantamento bibliográfico para identificar estudos anteriores que abordem a melancolia na obra de Lima Barreto. Fontes relevantes foram selecionadas para análise detalhada, incluindo críticas literárias, ensaios e análises acadêmicas.

Em seguida, uma análise qualitativa das fontes selecionadas foi conduzida, visando identificar abordagens teóricas e interpretativas sobre a melancolia em *Clara dos Anjos*. Foram destacadas diferentes perspectivas e interpretações oferecidas pelos estudiosos, com ênfase nas contribuições para a compreensão da obra e seu contexto histórico e social.

Nesse contexto, conforme destacado por Smith (2008), a pesquisa bibliográfica qualitativa desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento, permitindo uma análise aprofundada das ideias e teorias existentes sobre um

determinado tema. Ao compreender as diferentes perspectivas apresentadas na literatura existente, os pesquisadores puderam enriquecer sua própria análise e contribuir para o avanço do campo de estudo.

Por fim, os resultados da análise foram interpretados e discutidos à luz dos objetivos da pesquisa. Padrões, lacunas e tendências na abordagem da melancolia como estratégia narrativa serão identificados, e as implicações dessas descobertas para a compreensão do romance serão discutidas de forma crítica.

A pesquisa foi conduzida de forma rigorosa, seguindo os princípios da pesquisa bibliográfica qualitativa. A adoção desta abordagem metodológica permitiu uma investigação aprofundada da melancolia como elemento narrativo em *Clara dos Anjos*, contribuindo para uma compreensão mais completa e contextualizada da obra e sua relevância na literatura brasileira.

### **3.2 A crítica da melancolia como estratégia narrativa do romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto**

A preparação metodológica, referenciada com foco na leitura e análise desses artigos, todos relacionados a temática no que diz respeito às abordagens teóricas e interpretativas sobre a melancolia em *Clara dos Anjos*, resultando em 4 (quatro) artigos científicos (publicados entre os anos de 2017 a 2022) que melhor atendem aos critérios mencionados. As informações obtidas nos artigos foram essenciais para responder aos questionamentos propostos pela pesquisa. Os artigos selecionados estão no Quadro 1, que traz o título, autores, revista/periódico e anos de publicação.

**Quadro 1- artigos analisados nesse estudo**

Título do artigo	Autores	Revista/Periódico	Ano
<b>Clara dos Anjos, de Lima Barreto: o conto e o romance</b>	Nascimento; Bezerra; Silva	Revista Encontros de Vista	2018
<b>Clara dos Anjos: reflexões sobre gênero, negritudes e preconceitos a partir do enfoque da antropologia do imaginário</b>	Koening; Costa	Revista de Estudos Literários	2018

<b>Clara dos Anjos e as cores de Lima</b>	Schwarz	Sociol. Antropol	2018
<b>A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto</b>	Silva; Palhares	Cadernos SEPUSC	2017

**Fonte:** Dados da autora, 2024.

*Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, retrata uma história que se passa no subúrbio carioca, relatando o cotidiano da mulata Clara – filha de Joaquim, um humilde carteiro, e de Engrácia, uma simples mulher do lar. Clara foi seduzida por um rapaz de uma condição social um pouco melhor do que a dela – Cassi Jones, um trapaceiro nato, que usa meios ilegais para sobreviver. Essa narrativa se passa no Rio de Janeiro, no início do século XX. Conforme explica Micheletti (1998). Lima Barreto, nessa obra, apropria-se da técnica de escritores realistas, fazendo com que o narrador se aproxime de seu leitor a partir de descrições.

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos (Barreto, 2004, p. 49).

O romance *Clara dos Anjos* narra a história da personagem que dá nome à obra. A jovem mulata, de origem humilde, residente num subúrbio carioca, é seduzida por um galanteador — no conto, chamado de Júlio Costa, e, no romance, Cassi Jones. É um rapaz branco, mais favorecido economicamente do que seu par, e que apresenta valores mesquinhos. Não sendo a primeira mulher a cair na lábia de Cassi Jones, Clara se apaixona e acaba por engravidar. Ao procurar a família do pai de seu filho para tentar casar-se, a personagem acaba sendo desprezada, descobrindo, assim, os dissabores advindos de sua condição social. Júlio Costa/Cassi Jones, por sua vez, acaba impune (Nascimento; Bezerra; Silva, 2018).

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E

ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões (Barreto, 2004, p. 100).

No artigo “Clara dos Anjos, de Lima Barreto: o conto e o romance” (2018) os autores tratam da análise de duas versões da obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto: um conto e um romance. Em ambas as formas, o autor explora questões de injustiça social, preconceito racial e as dificuldades enfrentadas pelos moradores do subúrbio carioca no início do século XX. A protagonista, Clara, uma jovem mulata de origem humilde, é seduzida por um homem branco de má índole e enfrenta consequências sociais devastadoras. O conto “Clara dos Anjos” foi publicado em 1920 na coletânea *Histórias e sonhos*. Já o romance foi concluído em 1922 e publicado como livro apenas em 1948. Lima Barreto revisou e alterou diversas partes do desfecho de sua narrativa, demonstrando a importância do tema para ele.

Os discursos presentes no livro evidenciam as dinâmicas de poder, desigualdade racial e gênero que poderia ser mais um típico romance – em que o amor supera todos os desafios de classe e preconceito racial –, sob a escrita de Lima Barreto, transforma-se em uma narrativa de denúncia do racismo, do sexism e das complexas relações sociais vivenciadas pela população dos subúrbios abandonada à sua própria sorte. Nas palavras do autor, “o subúrbio é o refúgio dos infelizes” (Barreto, 2004, p. 83)

Uma análise das duas versões de “Clara dos Anjos” evidencia como Lima Barreto utilizou diferentes formatos narrativos para abordar problemas sociais. Sua obra reflete tanto as vicissitudes pessoais do autor quanto as estruturas de opressão vigentes em sua época, conforme Lima Barreto escreve ao final do conto e do romance, respectivamente:

Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada; abraçou-a chorando. A mãe também chorou e, quando Clara parou de chorar, entre soluços, disse: — Mamãe, eu não sou nada nesta vida. (Barreto, 1920, p. 153.).

— Nós não somos nada nesta vida. (Barreto, 2004, p. 133.)

Em “A construção do espaço em ‘Clara dos Anjos’, de Lima Barreto”, Silva e Palhares (2017) destacam que é possível observar que o narrador, em *Clara dos Anjos*, relata, inicialmente, com detalhes, o espaço onde acontece a história. Os autores analisam como Lima Barreto utiliza o espaço físico e social na narrativa para fortalecer as críticas sociais presentes em sua obra. A localização da casa da família de Joaquim dos Anjos é assim descrita por ele:

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. (...) Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do *chalet*. Além dos clássicos *chalets* suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. (...) Havia, porém, uma casa digna de ser vista. (...) Um tanto feia, é verdade, que ela era, sem garridice; (...) Os muros que cercavam a casa, a razoável distância, e mesmo aquele em que se apoiava o gradil de ferro da frente do imóvel, estavam cobertos de hera, que os envolvia em todo ou em parte, não como um sudário, mas como um severo, cerimonioso e vivo manto de outras épocas e de outras gentes, a provocar saudades e evocações, animando a ruína. Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, *exalando melancolia* e sugerindo recordações. (BARRETO, 2004, p. 15-16).

O autor revela, por meio da personagem Clara, a condição social vivida pela mulher negra e pobre no espaço urbano brasileiro; e, sob um caráter autobiográfico, essa personagem pode, talvez, indicar as humilhações sofridas por Barreto no decorrer de sua vida, em especial a do preconceito racial de que eram vítimas os mulatos como Barreto.

Assim, exploram-se, em *Clara dos Anjos*, as contradições de um progresso social de um país que desejava alcançar a modernidade, mas ainda se via preso a um passado colonial, enfrentando grandes problemas advindos de uma sociedade burguesa. Sociedade essa que tinha a mulher representada de maneira idealizada e virtuosa, e o homem como princípio de identidade para a formação da família.

Silva e Palhares (2017) destacam que, em *Clara dos Anjos*, o espaço não é apenas um pano de fundo, mas um elemento narrativo essencial que dialoga

diretamente com a crítica social de Lima Barreto. A forma como o espaço é construído reflete e intensifica os conflitos internos e externos vividos pelos personagens, particularmente por Clara, evidenciando as desigualdades e limitações impostas pela sociedade.

Koenig e Costa (2018), em “Clara dos Anjos: reflexões sobre gênero, negritudes e preconceitos a partir do enfoque da antropologia do imaginário” expõem que as relações de gênero e os preconceitos em torno da personagem aqui aparecem bem marcados, sendo este um dos pontos os quais o presente trabalho vai enfocar. Pelo conteúdo de sua obra, pode-se afirmar que Lima Barreto “fez sua opção pelos pobres, oprimidos, negros, mulatos e afrodescendentes, denunciando a sociedade hipócrita, a corrupção, o literato empoado da *Belle époque* e aproveitadores de mulatas ingênuas”.

Fanon sinaliza uma desconsideração da psicanálise às relações raciais e às particularidades do sofrimento psíquico que alcança o corpo negro. Em *Pele negra* recusa esse modelo para apreender os corpos em situação colonial, mas, ao mesmo tempo, dedica-se a apresentar seus sofrimentos, os impactos sobre eles da violência colonial, investigando a constituição de sua subjetividade. Ao procurar condições para aproximar o “preto e a psicopatologia”, estabelecendo as particularidades que especificam o sofrimento e construção subjetiva do corpo colonizado (FANON, 2008).

Nesse sentido, o modo de vida deveria condizer com o estilo urbano, porém, além de serem negros, eram pobres e moravam no subúrbio, o que possivelmente viria a interferir na educação e no comportamento de Clara, bem como no preconceito a que esta e sua família estariam submetidas, uma vez que o estilo de vida burguês parecia reservado a um pequeno grupo elitizado.

O romance de Lima Barreto ainda denota a preocupação em revelar a marginalização na qual vivia a camada popular, e, ao fazer isso, o escritor dá aos rejeitados – sujeitos abandonados pela sociedade – um momento para que estes se apresentem como o centro articulador da narrativa.

Em vista disso, observa-se que significativos estudos foram realizados acerca da melancolia, sobretudo no que diz respeito às causas e efeitos do temperamento melancólico nos sujeitos, à sua definição e entendimento de acordo com cada contexto histórico, às semelhanças e diferenças da doença em relação à outras

afecções, assim como a possível vinculação desse fenômeno com as diferentes formas de manifestações artísticas.

Os autores analisam a personagem Clara dos Anjos, da obra homônima de Lima Barreto, a partir da teoria do imaginário e de abordagens sobre negritude e gênero. A narrativa de Lima Barreto está situada nos subúrbios do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX e reflete o contexto social marcado por desigualdades, preconceitos de raça e gênero e as consequências da modernização para as classes populares. A protagonista de *Clara dos Anjos* personifica uma moça negra tipo ideal de Weber (Lima 2011) que “orçava pelos dezessete anos”, oriunda do proletariado do subúrbio carioca.

Além disso, eles acrescentam ainda que a temática de *Clara dos Anjos* centra-se no preconceito de cor e no drama íntimo da protagonista que, na expectativa de um casamento que não acontece, deixa-se seduzir por um moço inescrupuloso. Grávida e abandonada, ao procurar a família do rapaz ela acaba sendo humilhada por sua condição (Koenig; Costa, 2018).

Eles concluem que *Clara dos Anjos* é uma obra essencial para compreender as interseções entre raças, gênero e classe na literatura brasileira. Clara, apesar da vítima, é uma figura central que desafia os moldes tradicionais da literatura ao expor a realidade brutal enfrentada por mulheres negras e pobres em um sistema patriarcal e racista.

O artigo "Clara dos Anjos e as cores de Lima" (2018) aborda a obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, destacando como o autor constrói a narrativa para discutir questões de raça, classe e gênero na sociedade brasileira do início do século XX. O texto reflete sobre a linguagem, os simbolismos e as estratégias narrativas utilizadas por Barreto para retratar a condição de Clara, uma jovem mulata, pobre e mulher, triplicemente marginalizada em um contexto de preconceitos e desigualdades.

Schwarcz (2018) expõe que em *Clara dos Anjos* a crítica não se dirigia apenas ao casamento; mirava o preconceito de cor e as desigualdades persistentes de raça. A história ia chegando ao fim, com o cantador das modinhas sumindo e Clara sentindo-se cada vez mais desamparada. Lima ainda joga para seu leitor um lampejo de esperança com a “ideia salvadora” da moça, que achou que convenceria a mãe de Júlio, quando dá-se o diálogo mais ríspido do conto: Clara, altiva, propõe o casamento. A mãe de Júlio, por sua vez, devolve logo “a realidade” da diferença racial: “Ora, esta!

Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga" (BARRETO, 2004, p. 253).

Lima Barreto explora como o racismo estrutural afeta a vida de Clara, desde as relações sociais até as expectativas impostas sobre ela como mulher e como pessoa negra. A obra desafia a idealização da democracia racial brasileira, expondo a hipocrisia e a violência simbólica que sustentam o sistema, conforme o seguinte fragmento, no momento em que Clara não conseguiu esconder as lágrimas e a revolta:

Então ela não se podia casar com aquele calaceiro, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Por quê? Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar à coisa mais simples a que todas as moças aspiram" (Barreto, 2004, 254-255).

A autora conclui que *Clara dos Anjos* é uma obra profundamente engajada, que utiliza a experiência de sua protagonista para discutir as opressões interseccionais que estruturam a sociedade brasileira. A narrativa de Lima Barreto é um retrato contundente das desigualdades de raça, gênero e classe, além de ser um marco na literatura brasileira por dar visibilidade às vivências de grupos marginalizados.

No romance *Clara dos Anjos*, Lima Barreto procura retratar um aspecto do problema do mestiço, tema recorrente em quase toda a sua obra ficcional (Pereira, 1948; Barbosa, 1975, p.143-5). Nele o autor deixa entrever que o destino de Clara não se encerraria com o abandono de seu algoz, Cassi Jones de Azevedo tal como aparece no romance. Após o desaparecimento do primeiro amante, a protagonista estabeleceria relações com outros homens, terminando, por fim, amasiada com um pedreiro, José Portilho, que envelhecido e não podendo trabalhar obriga Clara a lavar e engomar para sustentá-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações contidas nesse estudo pode-se concluir que o romance de Lima Barreto é um escritor pré-modernista. Suas obras, de cunho realista e nacionalista, trazem um olhar crítico sobre a sociedade brasileira do início do século XX. E sua obra *Clara dos Anjos* ele revela contextualmente "retalhos da vida

suburbana", assim como as mudanças urbanas numa sociedade que se mostra a partir das tensões presentes no romance.

A obra pertence ao pré-modernismo e traz consigo uma forte crítica social, principalmente ao denunciar o racismo, a misoginia e a desigualdade social presentes no Brasil, marcada por um desfecho trágico e realista. Nesse sentido, Clara, a protagonista negra e moradora de um subúrbio do Rio de Janeiro, é seduzida e abandonada por Cassi Jones, um malandro mestiço de olhos verdes que se aproveita de sua inocência. Vale destacar que o romance critica a sociedade brasileira do início do século XX, destacando questões raciais, a desigualdade social e o preconceito.

Assim, Cassi seduz Clara, prometendo casamento, mas na verdade ele só quer se aproveitar dela. Clara, ingênuo, acredita nas falsas promessas de Cassi, resultando em sua gravidez. Sob essa ótica, o livro revela as duras realidades enfrentadas por mulheres, especialmente negras, na sociedade da época. Portanto, a narrativa é um retrato crítico do Brasil, expondo o racismo e a exploração dos vulneráveis.

Além disso, o romance de Lima Barreto é uma interpretação do próprio contexto social no qual estava inserido, do preconceito sofrido diariamente pelos negros; e pelo próprio Lima. A sedução de Clara também ocorre de forma diferente se se pensar no conto em contraste com o romance.

Por tudo isso, considera-se que a crônica representa um momento de angústia e melancolia. Na narrativa, opõem-se as expectativas e os objetivos alcançados, contrastando o que se vislumbrava com o que de fato era possível alcançar. Todavia, expressa também princípios de esperança no imprevisto, no amanhã, a partir do que se espera. No romance, percebe-se o quanto são explorados as características e o caráter das personagens, lançando-se mão de constantes descrições. No conto, diferentemente, o conhecimento é feito de maneira resumida, deixando muito mais para as ações a explicitação da índole de cada personagem

## REFÉRENCIAS

BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. Martin Claret, 2004.

BRAGA, G. V.; SENEM, M. **A Linguagem e Suas Inter-relações:** Discurso, Texto e Gêneros Textuais. *Cadernos de Letras da UFF*, [S.I.], v. 27, n. 56, p. 2685-2713, 2017. Editora Artmed, 2008.

Fanon, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA. (Originalmente escrito em 1952).

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Forense Universitária, 2003.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago, 2013.

KÖENIG, Marília; COSTA, Luiza Liene Bressan. Clara dos Anjos: reflexões sobre gênero, negritudes e preconceitos a partir do enfoque da antropologia do imaginário. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

Lacan, J. (1985). **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: Ensaio de análise de uma função em psicologia. Zahar. (Originalmente escrito em 1938).

LIMA, Luiz Costa. **Melancolia**: literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

NASCIMENTO, Amanda Silva do; BEZERRA, Antony Cardoso; SILVA, Marcus Vinicius Ferreira da. Clara dos Anjos, de Lima Barreto: o conto e o romance. **Encontros de Vista**, Recife, 21 (1): 106-119, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4743>. Acesso em: 19 de outubro de 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Pontes Editores, 2015.

PEREIRA, Astrojildo. **Interpretações**. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante, 1944.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio. In: **CLARA dos Anjos**. Rio de Janeiro; São Paulo: Mérito, 1948.

RESENDE, V. **Sentidos do Discurso**: Da Estrutura ao Sentido. Editora Contexto, 2006.

ROSA, L. M. S. **Narrativas Rápidas na Modernidade Líquida**: As Acelerações Contínuas da Vida. Revista Leitura: Teoria & Prática, [S.l.], v. 37, n. 75, p. 45-53, 2019.

SAFATLE, V.; SILVA JR., N. J.; DUNKER, C. I. L. **O Lado de Dentro**: Desassossego e Exaustão na Modernidade. Editora Três Estrelas, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Clara dos Anjos e as cores de Lima. **Sociol. Antropol**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v716>. Acesso em: 03 de novembro de 2024.

SILVA, Adriana dos Reis; PALHARES, Carlos Vinícius Teixeira. A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto. **CADERNO CESPUC**. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/2438>. Acesso em: 31 de outubro de 2024.

SMITH, J. A. **Psicologia Qualitativa: Um Guia Prático para Métodos de Pesquisa.**